

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA REGIÃO DO CARIRÍ, NO CEARÁ

PASQUALE PETRONE

Dentro do Sertão semi-árido do Nordeste, em terras cearenses, a região do Cariri aparece como uma espécie de "ilha" ou de "oasis" verdejante, graças à sua posição junto à vertente soriental da Chapada do Araripe, que se notabiliza por ser um dos raros trechos sempre úmidos daquela porção do território brasileiro.

O prof. PASQUALE PETRONE, sócio efetivo da A.G.B., atualmente à frente de sua Secretaria Geral e um dos assistentes da cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, percorreu, na companhia de alunos seus, em janeiro de 1953, essa interessantíssima região do Ceará. Dessa viagem resultou o estudo, que aqui publicamos, no qual o autor focaliza notadamente o "habitat" rural, o povoamento e a ocupação do solo.

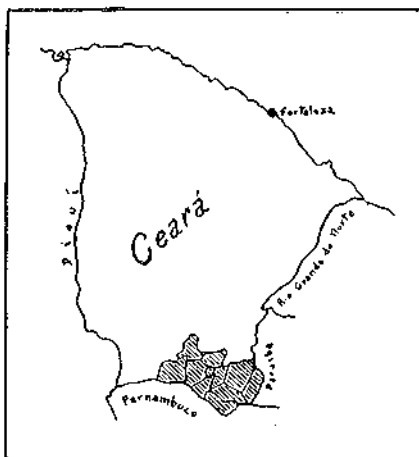
Explicação. — Em janeiro de 1953, acompanhando alguns alunos do *Colégio Dante Alighieri*, de São Paulo, tivemos oportunidade de permanecer alguns dias nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte, no sul do Estado do Ceará, após termos efetuado a travessia da chapada do Araripe.

No decorrer dos dias que ali ficamos, à espera de condução que nos levasse a Caicó, no Rio Grande do Norte, percorremos os arredores, em breve excursões, dando particular atenção ao sopé e escarpa da chapada do Araripe, às vizinhanças do Crato e da cidade de Juazeiro do Norte.

Das citadas excursões resultaram algumas anotações sobre a região do Cariri e arredores do Crato, as quais, aproveitadas e parcialmente completadas com a consulta de algumas obras sobre a região, permitiram que nos aventurássemos a escrever estas notas preliminares de um estudo verdadeiramente completo que a região sugere.

A região do Cariri compreende, total ou parcialmente, as áreas dos seguintes municípios do extremo sul do Ceará: Crato, Barbalha, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Jardim, Santanópole, Caririassú e Quixerá.

Abrange, portanto, não somente o vale homônimo, mas toda a zona que circunda a escarpa setentrional da serra do Araripe, assente sobre terrenos cristalinos e areníticos, ricos em água, estendendo-se pelas encostas norte e leste da serra.



O CEARÁ E A REGIÃO DO CARIRI

Em hachuras aparecem representadas os municípios que integram a importante região cearense.

Alguns aspectos da região do Cariri. — Quem efetua a travessia da chapada do Araripe, viajando de Pernambuco para o Ceará, após percorrer muitos quilômetros através de uma superfície tabular, revestida por vegetação predominantemente arbustiva, representada por catingas de aspecto variado, fica impressionado com a paisagem que se lhe depara no Cariri, junto ao sopé da escarpa setentrional da chapada, em território cearense.

No Cariri, o verde do manto vegetal, a riqueza em formações arbóreas e a frequência com que surgem as palmeiras, o extraordinário adensamento demográfico e a intensidade do labor agrícola, a presença de inúmeros cursos d'água perenes ou quase, o elevado número de cidades, vilas e povoados que, com seus casarões brancos e densos, com suas grandes igrejas, aparecem disseminadas aqui e ali, presentes em todas as partes, tudo, quer nos aspectos físicos quer nos humanos, contrasta violentamente com a monotonia da vegetação arbustiva, quase desprovida de árvores, relativamente pobre e acinzentada, com a rarefação demográfica e o domínio da criação, com a total ausência de cursos d'água que caracterizam o tópo da chapada.

Emoldurada em uma grande extensão pela escarpa uniforme da chapada do Araripe ao sul, a região do Cariri apresenta-se com um relêvo pouco movimentado, ligeiramente ondulado, praticamente peneplanizado, apenas perturbado e conseqüentemente tornando-se mais acidentado, nas proximidades da escarpa.

A escarpa da chapada ergue-se como um paredão, dispondo-se no sentido geral leste-oeste, com uma altitude que varia entre 900 e 1.000 ms. O perfil de seu topo, retilíneo, parecendo praticamente horizontal, condicionado pela forma com que se dispõem as camadas de arenitos e calcáreos que formam sua estrutura, domina toda a paisagem, permitindo que, pelo contraste, mais aplainada do que realmente é nos pareça a superfície cristalina peneplanizada do vale (1).

Mas não é o aplainado da topografia que mais nos prende a atenção e sim, particularmente, o fato da região ser totalmente humanizada.

São pouco numerosas e pouco extensas as áreas não ocupadas pelo homem. Nossos olhos, habituados ao monótono tom cinza do revestimento vegetal da chapada, por mais de uma vez voltam-se, quase diríamos impressionados, para o verdor do vale. Tonalidade de que, em grande parte, é responsável a grande extensão de terrenos cultivados: canaviais que, em quadras regulares e claras, tornam a paisagem uma verdadeira colcha de retalhos, quando, como é frequente, intercalados com mandiocais, alguns arrozais, culturas de feijão e outras, são interrompidos por modestos babaçuais ou grupos isolados de palmeiras que, entretanto, deixam nitidamente seu traço no conjunto da paisagem regional. Árvores copadas, principalmente grandes mangueiras, fornecem agradável sombra.

Densa rede de estradas, particularmente de caminhos, cruza o vale em todos os sentidos. Ligam as cidades, entre si ou às sédes dos distritos; permitem que sejam atingidas as propriedades e as habitações rurais; perdem-se pelos babaçuais; acompanham, zigzagueantes, os cursos d'água formados pelas águas das fontes que, em canaletas que serpenteiam de acôrdo com a declividade do terreno e os sítios que devem servir, dão uma nota que bem diferencia a zona em questão das áreas mais sêcas do interior nordestino.

(1) É a seguinte a disposição das camadas da chapada do Araripe, de acôrdo com Small, Horácio L. — *Geologia e Suprimento d'água subterrânea no Ceará e parte do Piauí*: a) uma camada de arenito mole, vermelho e amarelo bem estratificado, com cerca de cinquenta metros de espessura; b) uma camada de arenito vermelho de cerca de trezentos e vinte e cinco metros de espessura, com falsa estratificação; c) ainda uma camada de arenito vermelho com oitenta e cinco metros a noventa, também falsamente estratificado, mas distinto do precedente e onde está o horizonte das fontes, na altitude aproximada de seiscentos e vinte metros; d) uma camada de calcáreo mais ou menos fossilífero, com cerca de noventa metros de espessura; e) uma camada de arenito vermelho com cem metros de espessura; f) uma camada de arenito conglomerático, que assenta diretamente sobre as rochas cristalinas, numa altitude inferior a quatrocentos metros.

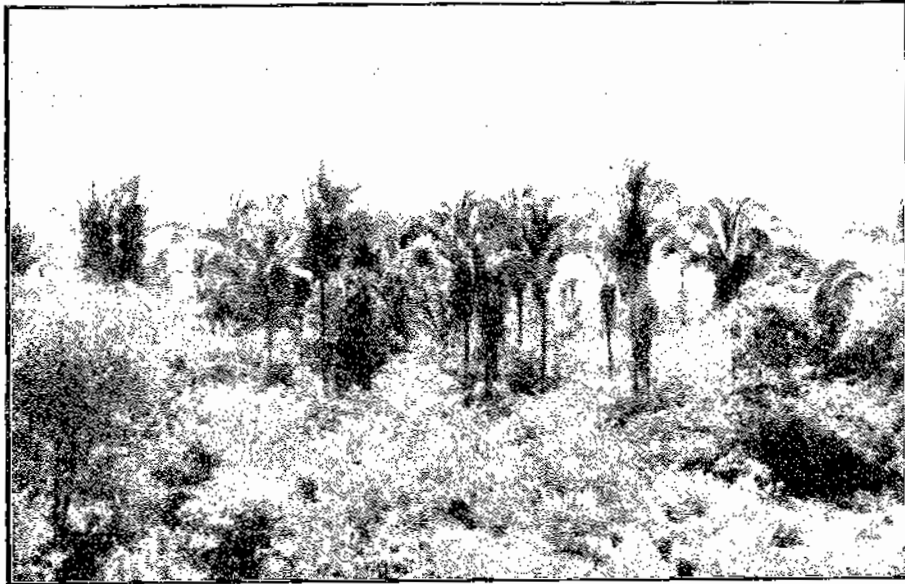


Foto 1 — Modesta associação de palmeiras (babaçú), como é comum encontrar em todo o Cariri. (Foto A. Ab'Sáber).



Foto 2 — Séde de um sítio de "pé-de-serra". Casa antiga, de alvenaria, ampla e com varanda na frente; telhas portuguesas. Mesmo sendo de um proprietário, é simples. A ausência de vidraças dá-lhe um traço de rusticidade. (Foto P. Petrone)

Os caminhos atravessam tais cursos d'água em tóscas pontes, galgam a escarpa da chapada em busca de alguma fonte de meia-encosta ou, atingindo o tópo, perdem-se em um carrascal que abriga algumas réses magras.

Aquí e ali, na beira dessas estradas ou caminhos, ou junto às margens de pequeno regato, resguardadas e frequentemente identificadas por denso conjunto de árvores copadas, localizam-se as habitações. É um "habitat" disperso, cristalizando-se, algumas vêzes, em pequeninos aglomerados, a exemplo de Lameiro e Muriti, no município do Crato, quando não em centros urbanos com dezenas de milhares de habitantes, a exemplo de Juazeiro do Norte.

Pelos traços que caracterizam sua paisagem, o Cariri bem pode ser considerado um verdadeiro e extenso "oasis" da parte meridional do Ceará.

O "HABITAT" RURAL

Generalidades. — Conforme acabamos de acentuar, o "habitat" rural da região do Cariri caracteriza-se pela dispersão. Não é possível falar-se em "habitat" concentrado-disperso, porquanto os aglomerados existentes, além das cidades naturalmente, apresentam funções que fogem às atividades especificamente rurais: sedes de distrito de paz, de posto policial, possuidores de agência do Correio ou, então, quando é o caso, vivendo em função de uma estação da ferrovia.

Entre os fatos que parecem explicar essa dispersão, alguns merecem referência. Em primeiro lugar, as características físicas da região: com solos relativamente férteis, com topografia não muito acidentada e servida por uma rede de cursos d'água bastante rica, é natural a ausência de qualquer tendência no sentido de agrupar as habitações; o principal problema, o da água, está longe de determinar a concentração das casas. Em segundo lugar, as propriedades, relativamente pequenas e, conforme veremos, com tendência a sempre maior fragmentação. Em terceiro lugar, o fato de, na maioria dos casos, o responsável pela propriedade ser o próprio proprietário, que nela tem sua residência. Mesmo no caso em que apareçam agregados ou outros, suas habitações surgem um pouco disseminadas pela propriedade.

Conforme já lembramos, os caminhos, as estradas e os cursos d'água, particularmente estes últimos, presidem à disposição das casas.

É preciso frisar que as estradas de rodagem, relativamente recentes, pouca importância têm nesse sentido, pois sua rede foi superimposta a uma estrutura do "habitat" mais antiga, intimamente

relacionada com os cursos d'água e com um sistema de caminhos para tropas ou carros de boi, que ela mesma condicionara. Somente ao nos aproximarmos de alguma cidade, notamos o aproveitamento da estrada pelas habitações, relativamente adensadas que, entretanto, nada mais representam senão aspectos do crescimento do centro urbano.

Os cursos d'água, portanto, ainda presidem à disposição das casas. Estas localizam-se às suas margens ou, então, nas proximidades da confluência de dois regatos ou junto às cabeceiras, regra geral nas proximidades de uma fonte.

Está claro que o fato relaciona-se intimamente com a própria origem e disposição das propriedades. Pela relação das primeiras concessões de datas de sesmarias efetuadas na região, não há nenhum caso em que não se faça referência a um ou mais cursos d'água, a uma lagoa, cabeceiras, etc. Assim é que são frequentes as referências "no riacho Quimani (dos Porcos)", "no lugar que faz barra com o Salgado", "para cima do Brejo do Barbosa", "no olho d'água da Cana Brava", "no riacho dos Carás, confrontando com o Brejo Sêco", "na lagoa Cachié, procurando as cabeceiras do rio Salgado", "no riacho que faz barra na Cachoeira", "nas nascentes do riacho dos Porcos", "até as cabeceiras do riacho das Emburanas", e assim por diante (2). Está claro que a referência aos cursos d'água era uma necessidade para o problema da delimitação das sesmarias e que em todas elas a água era de primordial importância para qualquer iniciativa no sentido de utilizar o solo.

Evidentemente, a casa não pôde escapar, quanto à sua localização, ao determinismo da água. Se nem sempre as casas estão junto ao curso d'água, raramente deixam elas de se localizar nas proximidades, na meia-encosta de colinas de vertentes muito suaves, em pequeninos patamares nas proximidades das cabeceiras ou, então, mesmo em terreno bastante plano, ao lado do filete de água.

De um modo geral, o maior número de casas aparece na área do "brejo", nos vales dos pequeninos cursos d'água que formam o rio Salgado, por sua vez tributário do Jaguaribe.

É fácil verificar uma presença mais frequente de habitações, distanciadas no máximo 200-300 m. uma das outras, nos vales do Batateira, Grangeiro, riacho dos Porcos, Carás, Salamanca e outros. Por outro lado, também de importância significativa, é o alinhamento das casas que se dispõem nas faldas da serra, junto à escarpa, sempre nas proximidades de fontes e por elas condicionadas.

(2) ALVES, Joaquim — *O vale de Cariri — Seu povoamento e desenvolvimento econômico*, Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, volume III, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1952.

As propriedades rurais. — Um dos fatos que prendem a atenção de quem se preocupa com o estudo da região do Cariri é a sugestiva fragmentação da propriedade que aí se operou. Joaquim Alves chama a atenção para o fato, ao abordar o estudo da vida econômica do vale (3). De sua autoria é o quadro seguinte, que muito bem exprime o franco processo de fragmentação das propriedades rurais da região:

MUNICÍPIOS	N.º DE PROPRIEDADES		AUMENTO NO DECURSO DOS 22 ANOS
	1920	1942	
Crato	269	785	516
Missão Velha	165	997	832
Barbalha	150	495	345
São Pedro	96	842	746
Juazeiro do Norte	140	547	407
Jardim	271	994	723
Brejo Santo	171	1.430	1.259
Total	1.262	6.090	4.828

Teve razão o citado autor ao elaborar o quadro em questão, pois, por seu intermédio, torna-se nítida a extraordinária subdivisão da propriedade — 4.828 propriedades a mais em 22 anos, em um total de 6.090 para toda a área considerada.

Evidentemente, números como esses, de per sí, não podem dar idéia nenhuma quanto ao tamanho das propriedades. Para tal fim é necessário verificar como se agrupam as propriedades quanto à área que possuem.

O município do Crato bem pôde servir de exemplo. No ano de 1950, o número das propriedades, nos diferentes distritos desse município, era o seguinte (4):

DISTRITOS	N.º DE PROPRIEDADES
Crato	234
Santa Fé	207
Dom Quintino	137
Lameiro	162
Muriti	139
Total	879

Essas propriedades possuíam uma superfície de 85.000 hectares, dos quais 3.500 representavam a área cultivada. Do total das

(3) ALVES, Joaquim, obra citada.

(4) Recenseamento de 1950 — Dados obtidos na Agência Municipal de Estatística — Crato.

propriedades, 273 possuíam menos de 20 hectares; 150, de 20 a 49 hectares; 250, de 50 a 99 hectares; 100, de 100 a 500 hectares; 106, mais de 500 hectares.

Pode-se afirmar, portanto, que em face desses elementos, a região do Cariri é dominada pelas pequenas propriedades, embora não faltem propriedades relativamente extensas. Estas aparecem particularmente naqueles municípios que abrangem, dentro de sua periferia, terras no topo da chapada do Araripe, como é o caso de Jardim ou do Crato.

Naturalmente, o principal fator do domínio da pequena propriedade é a agricultura, principal atividade rural da região. Conforme teremos oportunidade de ver, com povoamento iniciado na base da criação de gado em grandes propriedades, a região do Cariri viu suas terras se subdividirem em propriedades menores, graças à parcial substituição da criação pela agricultura, conseqüente ao paralelo aumento da população e fragmentação das terras por herança.

Em alguns casos, a exemplo do município de Juazeiro do Norte e área vizinha do Crato (5), a presença de uma economia agrícola quase fechada, porque frequentemente auto-suficiente ou apenas possível de proporcionar negócios de pouco vulto nas feiras, aliadas à existência de pequeninas atividades industriais de caráter doméstico, explicam o fracionamento da propriedade.

Por outro lado, naquelas áreas onde domina a criação, sempre sob processos muito pobres, em solos pouco férteis, particularmente na chapada, as propriedades apresentam-se com superfícies maiores. Por paradoxal que pareça, propriedades maiores também podem ser encontradas nas zonas com melhores solos, ou seja nos "brejos". É que, aproveitando-se da fertilidade do solo, ali se estabelecem canaviais que podem justificar a utilização de áreas maiores, particularmente quando se tratar de atividade agro-industrial. Entretanto, estes casos não são muito numerosos, pois mesmo a cana com frequência completa atividades agrícolas de âmbito exclusivamente regional, nas suas repercussões comerciais. De qualquer forma, é natural que uma região privilegiada pela drenagem superficial, em face do conjunto semi-árido nordestino, apresente-se relativamente fragmentada.

As propriedades da região, por quanto pudemos observar, possuem a característica forma de testada estreita e fundo muito longo. Conforme os lavradores da região, possuem elas "poucas braças de frente e muitas de fundo". Esse fato parece estar relacionado com o problema da água. Não chega a ser tão típico como o obser-

(5) ALVES, Joaquim — Obra citada.

vado em Curema, por ocasião da VII Assembléa da A.G.B. Em Curema, a subdivisão foi previamente estudada, enquanto que, no Cariri, chegou-se a essa situação por uma lenta adaptação às condições da drenagem, à medida que as propriedades se fragmentavam. Não se pode desprezar a possibilidade de haver uma remota relação entre a atual disposição de muitas propriedades e a das primeiras sesmarias, concedidas, quase sempre, com "3 léguas de comprido e 1 de largo" (6).

A esmagadora maioria dos responsáveis pelas propriedades rurais da região é representada pelos seus proprietários, uma das conseqüências, aliás, da subdivisão da propriedade por herança. Não tivemos ocasião de constatar a existência de "meeiros" ou "terceiros". De qualquer forma, mesmo que encontrados, devem constituir exceções. Os arrendatários não são raros. O arrendamento da terra é mais comumente efetuado em espécie do que em dinheiro. No primeiro caso, o arrendatário paga ao dono da terra com uma parte da safra, geralmente a quarta parte, como costuma acontecer principalmente com a mandioca. No segundo caso, o montante em dinheiro é pago por "tarefa". As melhores terras (em Janeiro de 1953) eram arrendadas até 50 cruzeiros por "tarefa" (25 braças quadradas).

Entretanto, muito mais comuns que os arrendatários são os "moradores". Os proprietários que possuem agregados ou camaradas que para eles trabalham, permitem que, em suas terras, tenham sua moradia e cultivem parte do solo, dentro de determinadas condições, as quais variam muito de caso para caso. Os mais comuns de que tivemos conhecimento, com alguma importância no complexo econômico regional, são os seguintes: — Nas propriedades canavieiras, o "morador", também denominado "agregado", planta e limpa a cana, entregando o produto do corte ao proprietário da terra. Este, possuindo engenho, fabrica rapadura, entregando ao agregado a metade. Está claro que neste, como em outros casos, o agregado possui moradia na propriedade e, não raras vezes, utiliza-se de pequenina parcela do solo para uma roça com mandioca, arroz, milho e feijão. Nos casos de lavouras de milho o agregado paga ao proprietário da terra uma "carga" de espigas por "tarefa" plantada. Nas lavouras de mandioca, a contribuição do agregado é representada por uma "quarta" (80 litros) de farinha por "tarefa" plantada. Já no referente ao arroz, para cada "tarefa" há a contribuição de duas "quartas" do produto.

Conforme pudemos verificar em muitos casos o "morador" ou "agregado", que às vezes parecem não ser a mesma coisa, mas que

(6) ALVES, Joaquim. — Obra citada.



Foto 3 — Habitação comum nas zonas rurais da região. Planta re'angular, paredes de pau-a-pique barreado, teto de palha de babaçú; dois cômodos e uma cozinha ao fundo. (Foto P. Petrone)



Foto 4 — Mais modesta que a precedente, mas também muito comum, é esta habitação rural. Nela, o teto e paredes são recobertos com palmas de babaçú. (Foto P. Petrone)

se confundem com frequência, nada mais são do que arrendatários que pagam o arrendamento em espécie. De qualquer forma, reina verdadeira confusão no referente à caracterização de cada um dos tipos. A soma de vantagens de que se vê cumulado o agregado parece ser, embora não tenhamos elementos para confirmar a suposição, uma reminiscência dos primeiros tempos da ocupação da região e, mesmo, de períodos que se prolongaram até os primeiros anos deste século, quando proprietários, representando famílias tradicionais, mantinham em suas terras numerosos camaradas que tanto poderiam cultivar o solo ou cuidar do gado, como formar grupos armados para resolver contendas de famílias ou rixas políticas. Em todo caso, para caracterizar o "morador" da região, bem pode ser repetido o que afirma José Veríssimo da Costa Pereira (7): "As relações entre o agregado e o proprietário não são muito claras. Em princípio, tais relações consistem numa troca de serviços. O agregado recebe a terra para trabalhar e, em troca da ocupação, a título gratuito, da propriedade alheia, dedica, por exemplo, alguns dias de trabalho remunerado ao proprietário. Usualmente, o agregado recebe a permissão de fazer pequenas lavouras de subsistência bem como a de criar algumas aves domésticas e a de ter alguns porcos para cevar. Às vezes, pode ter um cavalo ou uma bêsta para seu uso particular, ou criar, mesmo, um certo número de réses. Em troca, o agregado dá ao proprietário uma parte de sua produção conforme o acôrdo pre-estabelecido com o mesmo".

Em Murití, distrito do município do Crato, visitamos uma propriedade canavieira com engenho. Nessa propriedade existiam cerca de 20 "moradores" com suas famílias. Ali, como nas propriedades próximas, geralmente o "morador" recebe porções menos férteis dentre as terras da propriedade. Nas piores terras plantam feijão e mandioca; quando as terras são melhores, cultivam-nas com feijão e milho. Os "moradores", com os quais conversamos, nada pagavam ao proprietário, em dinheiro; somente davam uma décima parte da farinha de mandioca resultante da safra. No caso em aprêço, os "moradores" receberam do proprietário a casa quase completamente construída. Percebe-se como tem razão Veríssimo ao acentuar como são pouco claras as relações entre o agregado e o proprietário. O fato de, nesse caso, o "morador" ficar com as terras piores, explica-se por se tratar de "brejo", onde as melhores terras são cultivadas com canas.

No sopé da chapada, distrito de Lameiro, visitamos uma propriedade que pode ser considerada das mais típicas e representativas. É propriedade canavieira, com plantações de mandioca, arroz, feijão e, às vezes, algodão e milho. Além disso, dedica-se também à cria-

(7) PEREIRA, José Veríssimo da Costa — *Agregado*, em "Revista Brasileira de Geografia" ano IX, Julho-Setembro de 1947 n.º 3, Rio de Janeiro.

ção. A produção é para o consumo, sendo o excedente comercializado na região ou, então, exportado para o Rio Grande do Norte e Paraíba. A propriedade possui engenho para rapadura e "aviamento" (forno) para a farinha. Para a criação de gado, o sítio possui outra propriedade na chapada, onde o gado se utiliza dos "barreiros". O sítio do sopé da serra é utilizado para algumas cabeças de gado leiteiro estabelecido (o sítio fornece ao Crato) e para tratar dos bezerros, pois as vacas que vão ter cria são removidas da chapada para o sopé. Toda a propriedade é irrigada.

A casa rural. — Embora a região impressione favoravelmente a quem nela penetre depois de percorrer áreas secas do Nordeste, as casas quase sempre constituem um índice de pobreza. Refletem elas condições de existência às vezes miseráveis, um baixo padrão de vida e um baixo poder aquisitivo.

Geralmente as casas possuem um plano retangular, 4 a 5 metros de frente com 8 a 10 metros de fundo. Algumas, não raras, apresentam um telheiro na frente, menos comumente atrás, à guiza de alpendre — o "copiar", ótimo para passar as horas de canícula mais intensa. Poucas possuem, no fundo ou lateralmente, um puxado que, quando existe, é utilizado como cozinha. As paredes normalmente são de pau-a-pique barreçadas ou mesmo revestidas com folha de babaçú; raras são as de tijolos. Muitas são rebocadas e pintadas pelo menos na fachada. Os telhados, com uma ou duas águas, são de folhas de babaçú, às vezes de telhas portuguesas. Com dependências pouco numerosas, dois ou três cômodos, as casas não têm fôrro e normalmente apresentam-se com chão de terra batida. Mobiliário escasso, muito pobre mesmo, representado por tóscas mexas, bancos e, para dormir, a rede. A não ser o alpendre ("copiar"), utilizado usualmente para alguma atividade de carácter doméstico, manufatura de rédes ou rendas, a casa é apenas residência. Quanto muito uma dependência qualquer abriga os poucos utensílios da lavoura ou parte da produção.

Casas melhores que essas podem ser encontradas, mas são sempre pertencentes a proprietários. Geralmente, os proprietários possuem casas de alvenaria, cobertas com telhas, algumas vezes com paredes recobertas com tijolos de barro cozido; são assoalhadas com madeira e não possuem fôrros. Nêstes casos, as dependências podem variar bastante, embora possam ser sintetizadas em uma sala, dois ou mais quartos, cozinha; junto ao corpo da casa, ou afastados, as instalações sanitárias. Normalmente, aparece também um depósito. Fora do corpo da casa, raramente junto, aparecem as dependências do engenho, "aviamento" de farinha e, em certos casos, poço coberto. Verifica-se, de qualquer forma, uma grande diferença entre a casa

do proprietário e a do "morador". No caso dos moradores, a casa é um simples abrigo. Em todos os casos, a casa reflete algumas possibilidades regionais, pelo material de construção e o nível de vida, e as atividades de seus moradores, pelas suas dependências.

ASPECTOS DO POVOAMENTO

As origens. — Como em muitos casos referentes a regiões brasileiras interioranas, não há nenhum acôrdo entre os historiadores sôbre o início do povoamento do Cariri. Evidentemente, a nós não interessa esmiuçar as controvérsias existentes, nem mesmo aprofundar a questão, e por isso mesmo limitar-nos-emos a acenar sôbre os fatos que mais possam interessar a anotações desta natureza.

São várias as versões sôbre o início do povoamento, inclusive uma segundo a qual teria relação com a Casa da Torre, da Bahia (8). Joaquim Alves, que também lembra controvérsias entre João Brígido e Antonio Bezerra, procura demonstrar como o devassamento das terras do Cariri deve ser atribuído principalmente a pernambucanos (9). Por outro lado, da mesma forma como não se tem certeza sôbre os primeiros fatores do povoamento, persiste, é lógico, a dúvida sôbre a época em que se iniciou. Há quem afirme que a região do Cariri teria sido penetrada por europeus desde fins do século XVII (10). Para comprovar essa tese, Joaquim Alves argumenta, a par de outros, com os elementos fornecidos pelas concessões de sesmarias efetuadas desde o ano de 1688 (11). De qualquer forma, é bastante antigo. O início da penetração, acompanhado de efetiva utilização do solo, ter-se-ia verificado, com toda certeza, de fins do século XVII até os primeiros lustros do século XVIII. Zona privilegiadamente fértil, apesar de habitada pelos índios Cariri, que além de disputarem a região com outros grupos, também dificultavam a penetração do europeu, o Cariri deveria forçosamente, desde cedo, atrair a atenção dos povoadores. A feracidade do solo, a presença das fontes e dos cursos d'água perenes, a extraordinária riqueza em frutos silvestres, foram fatores importantes de caráter econômico que condicionaram a afluência de povoadores. Entretanto, por uma incoerência que se justifica desde que se considere a época, foram aventureiros originários da Paraíba, Pernambuco e Bahia os primeiros a chegar, impulsionados pelas

(8) PINHEIRO, Irineu — *O Cariri — Seu descobrimento, povoamento, costumes*, Fortaleza, 1950.

(9) ALVES, Joaquim — Obra citada.

(10) Veja-se *Monografia do Município de Crato — Ceará*, Est. Gráfico "Gazeta do Cariri" — Crato, Ceará, 1943.

(11) ALVES, Joaquim — Obra citada.



Foro 5 — Trecho da principal rua de Lameiro, séde de distrito do município do Crato. (Foto P. Petrone)

notícias da existência de jazidas auríferas na região (12). Os resultados foram pouco animadores, de forma que logo o ouro deixou de ser motivo de atração. A região passou, então, a ser aproveitada pelos povoadores para a criação de gado, que, mais tarde, acabaria por ter sua área econômica praticamente limitada ao Araripe.

O papel da criação de gado. — Em todo o Nordeste e no vale do São Francisco, como é amplamente sabido, foi o gado que permitiu ao homem penetrar o sertão, e, de certa forma, foi o gado que assegurou a continuidade e contiguidade do povoamento. Essa foi a consequência lógica do “criatório” ter-se tornado quase preju-

(12) *Monografia do Município de Crato* e MARTINS FILHO, Antônio — *O Ceará*, em *O Ceará* de Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, Fortaleza, 1939.

cial às zonas canavieiras da "mata" e mesmo do "agreste". No sertão o gado foi criado extensiva e livremente, tanto que as poucas lavouras que se organizaram tiveram que ser totalmente cercadas. O Cariri, como todo o interior, também teve seu solo inicialmente utilizado com o "criatório". Entretanto, devido às suas condições de solos e água, logo tornar-se-ia região agrícola. Daí as dificuldades entre criadores e lavradores.

No decorrer de todo o século XVIII, as riquezas que licitamente poderia se esperar, dadas as possibilidades regionais, demonstraram-se parcas, de forma que somente a criação subsistiu com certa importância. É bem verdade que, já desde os primeiros anos do século XVIII, a cana foi cultivada (13); entretanto, foi somente em fins do século XVIII e início do século XIX que a agricultura tomou pé na região. O que não impediu que, durante muito tempo, coexistissem as duas atividades, criação e agricultura. Assintiu-se, na região, às divergências que, nesses casos, sempre surgem entre vaqueiros e agricultores. As plantações limitam as áreas de criação; o gado prejudica as plantações. Como frequentemente sucede, a agricultura, atividade mais rendosa, em terra férteis, acabou por expulsar a criação. Em meados do século XIX, já se cultivava café com fito comercial (14) e, em fins do século, principalmente devido à influência positiva do Padre Cícero Romão Batista, incrementou-se a cultura de feijão, milho, arroz, algodão, e deu-se particular impulso ao cultivo da mandioca (15).

O povoamento nos séculos XIX e XX. — É necessário lembrar que, durante todo o século XIX, e mesmo no atual, não teve solução de continuidade o afluxo de advenas que se fixaram no Cariri. Realmente, a riqueza do Cariri sempre fez dessa região do Ceará uma das principais áreas de refúgio para os flagelados das inúmeras sêcas que, ciclicamente, têm assolado os sertões nordestinos. A região em parte tem-se beneficiado e em parte prejudicado com esse afluxo rítmico. Beneficiado pelo efetivo humano que sempre restou do saldo dos que, na região, buscavam abrigo; prejudicado muitas vezes pela bagagem mística que vinha com elas e, com certeza, pelo quanto essa gente foi responsável pela criação do "cangaço", que por muitas décadas imperou no vale. É preciso frizar que, nessas ocasiões, a região recebeu principalmente indivíduos originários do vale do São Francisco, da Bahia e Pernambuco, ou então da Paraíba e Rio Grande do Norte (16).

(13) PINHEIRO, Irineu — Obra citada.

(14) PINHEIRO, Irineu — Obra citada.

(15) GIRÃO, Raimundo — "Panorama econômico do Ceará" — in "O Ceará" — Fortaleza — 1939.

(16) ALVES, Joaquim — Obra citada.

Apesar de tudo, até fins do século XIX, a região não floresceu muito. Distante do litoral, péssimamente servida por estradas, era difícil exportar os produtos da terra. Daí, também, a preferência que, durante muito tempo, foi dada à criação do gado. A economia, particularmente agrícola, permaneceu em maioria com o caráter de subsistência. Prova desse fato é, por exemplo, a medíocre participação do escravo negro na economia regional. Sómente em fins do século XIX avultou a utilização da terra. Esse fato é devido, primordialmente, ao avolumar-se a penetração de alienígenas na região, graças à atração exercida pelo Juazeiro do Padre Cícero. Aosromeiros, orientados pelo Padre Cícero, deve-se muito do desenvolvimento da região a partir do fim do século passado (17). Foi também o Padre Cícero quem, atraindo essas romarias, motivou o extraordinário adensamento de população na área que se tornaria o município de Juazeiro do Norte, o mais densamente povoado de todo o Estado do Ceará. Interessante que, também neste caso, osromeiros eram, em sua maioria, procedentes do vale do São Francisco e adjacências. Não pode haver dúvidas sobre os laços que unem as populações do Cariri com os baianos e pernambucanos, principalmente.

ATIVIDADES REGIONAIS

Aspectos gerais. — Pelo que já tivemos oportunidade de ver, verifica-se que, no Cariri, a principal atividade econômica é a agricultura. Ao seu lado, mas dominando somente em algumas áreas, aparece a criação de gado. São elas que fornecem ao Cariri os principais produtos de exportação. A agricultura, por sua vez, possibilita a presença de uma agro-indústria relativamente importante, destacando-se a dos engenhos de rapadura, seguida por uma série de outras atividades, entre elas a fabricação de farinha. Menos importantes, mas com significação regional, são a indústria extrativa vegetal, representada pelo aproveitamento do babaçú, as indústrias domésticas ou artesanato e a coleta vegetal. Os babaçuais da região não são muito extensos nem muito numerosos. Não há um sistemático aproveitamento dessa palmeira. É comum um babaçal ser aproveitado por adventícios, principalmente para obter o coquilho. De qualquer forma, uma boa parte deles (todos são nativos) é aproveitada para a obtenção de óleo, havendo para esse fim uma fábrica no Crato. Com exceção deste caso, toda a indústria é caseira. Tivemos oportunidade de encontrar um grupo de pessoas, quase somente mulheres, em pleno trabalho de aproveitamento do coquilho. Em pequena clareira no babaçal, sentadas

(17) A respeito de Juazeiro, leia-se "Juazeiro do Padre Cícero", de Lourenço Filho, ed. Melhoramentos.

no chão, abriam os coquilhos utilizando um machado, tendo uma pedra como suporte. Dessa forma rudimentar são extraídas as amêndoas. As palmas também são aproveitadas nas habitações, para a cobertura, e, às vezes, mesmo como paredes. As indústrias domésticas e o pequeno artesanato aparecem tanto nas áreas rurais quanto nos centros urbanos.

Nas áreas rurais, além do aproveitamento das palmeiras e particularmente das fibras das palmas, ainda podemos encontrar as rêu-deiras e as rêu-deiras. Estas últimas ainda têm grande importância e o produto de seu trabalho pôde ser encontrado nas feiras regionais. Em certos casos, a fabricação de rapadura é atividade doméstica, como o é também a obtenção de farinha. Mais raro, mesmo nas propriedades com gado leiteiro, encontrar quem fabrique manteiga. Como melhor exemplo de artesanato em centros urbanos, temos o caso da fabricação de armas de fogo, primitivas espingardas de cano longo, de carregar pela bôca, e de facas, encontrada em Juazeiro do Norte, o que lhe vale um certo renome em todo o Nordeste.

Finalmente, podemos encontrar, particularmente na chapada, uma verdadeira atividade de coleta vegetal. Não que aí não existam outras. Por vários motivos a chapada pôde ser considerada área de excelentes recursos para a população sertaneja. Senhores de engenho nela possuem plantações de mandioca, o abacaxi nela cultivado já pode ser encontrado nas feiras do Cariri e sertões paraibanos e o gado tem nela grande importância. Entretanto, particularmente nas terras devolutas que ainda existem, processa-se uma verdadeira coleta, destacando-se a de frutos como o cajú, mangaba, cambuí e aproveitamento do óleo de copaiba. O fruto mais importante é o pequí. O seu óleo é considerado medicinal e o fruto participa do regime alimentar da população; com a madeira do pequizeiro são fabricadas fôrmas para rapaduras. Quando a safra atinge proporção máxima, a chapada do Araripe fica repleta de habitantes adventícios. Famílias inteiras instalam-se à sombra da árvore acolhedora que lhes dá teto durante semanas e alimento para 4 ou 5 meses. Homens, mulheres e crianças dirigem-se para as feiras com balaios ou "caçuzás" sôbre o lombo de jumentos, repletos de pequis (18).

A vida agrícola. -- Apesar da área extensa, ocupada pelos municípios do Cariri na chapada do Araripe, onde predomina a criação de gado como principal atividade econômica, é a agricultura a atividade que fornece a maior parte das rendas, que mobiliza a esmagadora maioria da mão de obra rural e que possibilita um movimento de exportação relativamente importante. Os principais vegetais cul-

(18) FIGUEIREDO FILHO, G. -- *O pequizeiro*, em "O Ceará" -- Fortaleza, 1939.

tivados são a cana, o arroz, a mandioca, milho, feijão, algodão e mamona.

A *cana de açúcar*, como já foi visto, é um dos vegetais de cultivo mais antigo na região (início do século XVIII). Conforme lembra R. Girão (19), inicialmente a cana foi um produto de consumo direto e não comerciável; alimento como a carne e a farinha, e não simples composição para as sobremesas e para as compotas. Não tardou, porém, que se tornasse base da principal indústria rural da região, a de rapadura. Por volta de 1860, existiam no Cariri mais de 300 engenhos, na maioria de madeira. Somente no município do Crato totalizavam 130, sendo 8 de ferro (20). Hoje em dia, os engenhos de rapadura são comuns na região. Ao seu lado aparecem, também, aqueles que fabricam aguardente. Não existem usinas, embora por volta de 1930 tenha havido uma tentativa, frustrada, de instalar uma no Crato. O fato parece ser explicado pelo predomínio da pequena propriedade, com a decorrência de ninguém ter possibilidade de manter uma usina (21). É evidente que, dessa forma, nos engenhos da região, não se produz açúcar.

De acordo com os dados fornecidos por Joaquim Alves (22), os mais completos que pudemos obter, ao fim do decênio 1940-50 existiam na região 300 engenhos, 222 movidos a força motriz e 78 a força animal. O quadro que esse autor organizou é o seguinte:

MUNICÍPIOS	FÓRÇA UTILIZADA		TOTAL
	Motor	Animal	
Crato	34	40	74
Missão Velha	39	21	60
Juazeiro do Norte	15	10	25
São Pedro	26	—	26
Barbalha	68	—	68
Jardim	25	7	32
Brejo Santo	15	—	15
Total	222	78	300

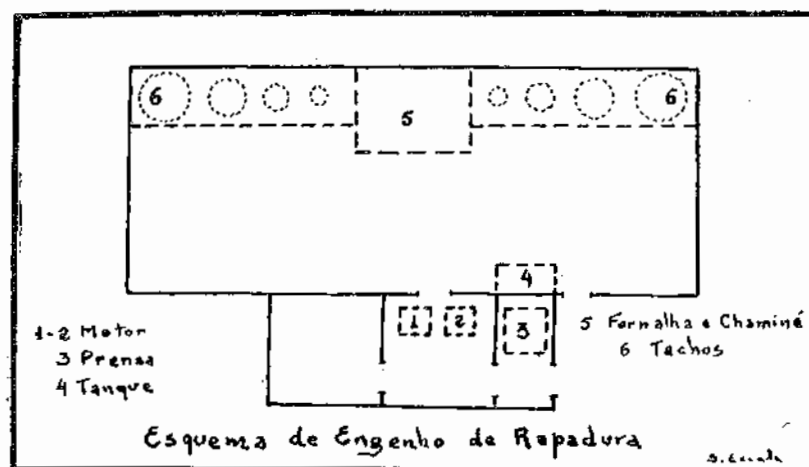
Conforme pode ser verificado, o Crato destaca-se entre os demais municípios; aliás sempre sobressaiu nesse setor. A situação de Brejo Santo se justifica por ter uma das menores plantações de cana e extensas áreas dedicadas à criação. Juazeiro, por sua vez, é praticamente um município urbano.

(19) GIRÃO, Raimundo — Obra citada.

(20) GIRÃO, Raimundo — Obra citada.

(21) Segundo alguns lavradores da região, a presença da usina poderia implicar na exploração do pequeno cultivador de cana pelo usineiro. Sugerimos e julgamos interessante que, para evitar esse problema, a usina, que traria notáveis benefícios para a região, poderá ser criada por Sociedade Anônima, com a participação dos cultivadores de cana.

(22) ALVES, Joaquim — Obra citada.



Engenho de rapadura

Os engenhos da região são bastante simples e as etapas para a obtenção da rapadura não diferem das normais em qualquer área canavieira do Brasil. A cana passa pelos cilindros de uma prensa, onde é triturada. O caldo vai para um tanque, donde é removido para tachos de diâmetro decrescente. Estes, alinhados, pousam sobre forno em canal. O caldo ferve e, tornando-se mais grosso, vai para os tachos menores, até transformar-se no melado ("mel"). O "mel", distribuído por fôrmas de madeira, esfriado-se, origina tijolos de rapadura, com aproximadamente 800 gramas cada. A rapadura, um dos principais elementos da dieta alimentar regional, será depois encontrada nas feiras e exportada para tôdas as partes do sertão nordestino.

As épocas de plantio de cana coincidem com as chuvas mais fracas, que favorecem a germinação. Portanto, janeiro e fevereiro são principalmente os meses em que os novos canaviais se formam, pois, em março, tem realmente início o "inverno". A safra normalmente verifica-se em setembro-outubro, período mais sêco.

A *mandioca*, que também entra na dieta alimentar dos habitantes da região, aparece cultivada em tôdas as partes, mas predomina na chapada. Seu cultivo sofreu forte incremento com o Padre Cícero, em fins do século XIX. Naturalmente é aproveitada para a obtenção de farinha, para o que, na região, são inúmeros os "aviamentos". Conforme J. Alves, o total de "aviamentos", era de 740, assim distribuídos:

Crato	92
Missão Velha	180
Barbalha	80
São Pedro	80
Juazeiro do Norte	80
Jardim	52
Brejo Santo	77
Total	740 (23).

Menos importante, quanto à produção e valor, é o algodão. A principal variedade cultivada é o Mocó. Cultura relativamente antiga, sofreu pequeno incremento em virtude de remota repercussão da Guerra de Secessão nos Estados Unidos. Sômente adquiriu real importância econômica nos últimos três decênios. Conforme R. Girão, até fins do século passado, embora fosse o algodão um dos principais produtos do Ceará, o Cariri não se destacava nesse setôr (24). Não existem, no Cariri, lavouras realmente grandes de algodão. Mesmo os pequenos sitiantes cultivam-no, vendendo a produção a intermediários, nas feiras regionais. Aliás, a cultura do algodão normalmente aparece associada ao milho e ao feijão.

O arroz, o feijão e o milho são principalmente representados por culturas de subsistência. Raramente constituem grandes plantações, aparecendo em roças, associados com outras culturas no caso do feijão e milho. Planta-se de preferência o arroz de brejo. Outras culturas têm significado quase que sômente regional; é o caso do *abacaxi*, cultivado na chapada, e do *fumo*. Aquela fruta e o fumo em corda são ofertados nas feiras. Interessante a presença de uma *lavoura cafeeira* na região; reduzida, aparece principalmente nas abas da serra; de produção mediocre, insuficiente, mesmo para o consumo regional, merece uma referência, entretanto, pelo menos a título de curiosidade. Por volta de 1945, Missão Velha possuía . . . 487.000 cafeeiros, Brejo Santo 150.000 e o Crato 48.000 (25).

Apenas com a finalidade de fornecer uma idéia mais completa, diremos algo sôbre a agricultura no município do Crato, que tivemos oportunidade de conhecer melhor. Aproximadamente 200 Km², dos 14.000 que o município possui, são utilizados para o cultivo do solo. É necessário lembrar que a cifra acima, da área cultivada, não deve ser considerada pequena, pois toda a parte sul do município, aproximadamente 50% ou mais, não apresenta condições favoráveis para a lavoura, o mesmo acontecendo com as escarpas da chapada; por outro lado, a atividade agrícola da metade setentrional do município sômente é possível graças à irrigação. As culturas temporárias são

(23) ALVES, Joaquim — Obra citada.

(24) GIRÃO, Raimundo — Obra citada.

(25) GIRÃO, Raimundo — Obra citada.

as mais importantes quanto à área que ocupam: 2.264 hectares contra 628 para as culturas permanentes. Entre as culturas temporárias, sobressai a cana, seguida pela mandioca, feijão, milho, arroz e fumo. Pelas tabelas I (área cultivada) e II (culturas temporárias), podemos aquilatar da importância dos produtos citados e de outros, para o município.

TABELA I

MUNICÍPIO DO CRATO — ÁREA CULTIVADA (1952) (26).

CULTURAS	ÁREAS (hectares)
<i>Culturas temporárias:</i>	
Simples	1.780,8
Associadas	484
Total	2.264,8
<i>Culturas permanentes:</i>	
Abacate	14,291
Agave	72,352
Algodão arbóreo	365,22
Banana	61,359
Tangerina	1,767
Café	57,52
Côco da Bahia	19,51
Laranja	35,847
Total	627,866

Entre as culturas permanentes, sobressaem o algodão arbóreo e o agave, merecendo também menção a banana e o café. Pela tabela III podemos ter uma idéia da situação das principais culturas permanentes. Pelo que podemos observar no referente às culturas temporárias, o período de plantio geralmente tem início em dezembro (abacaxi, arroz, mandioca) e encerra-se em julho (cebola, cana). A época de plantio antecede um pouco ou, então, coincide com o "inverno", período de chuvas. É preciso lembrar que, no Cariri, o "inverno" corresponde a fevereiro, março e abril. Quando as oscilações anuais de pluviosidade não são capazes de prolongar o período sêco, temos fartura, pois a agricultura rende bastante (27). De modo geral, o preparo do solo é efetuado a partir de novembro, conforme a cultura, podendo prolongar-se até o "inverno". A colheita domina no período sêco ou "verão" (agosto, setembro e outubro).

(26) Organizada com os elementos obtidos na Agência Municipal de Estatística — Crato.

(27) Temos na região uma pluviosidade anual que oscila de 800 a 1.000 mm.

TABELA II
MUNICÍPIO DO CRATO — CULTURAS TEMPORÁRIAS (1952) (28a.)

ESPÉCIES CULTIVADAS	UNIDADE DE REFERÊNCIA	Mês em que foi feito o plantio	Estimativa da área cultivada (hectares)		Rendimento por Hectare	
			Cultura simples	Cultura associada	Cultura simples	Cultura associada
Abacaxi	fruto	Dezembro - Abril	13 ☆ 47 *	—	8.000 42	— 35
Algodão erbáceo (em carôço)	15 quilos	Janeiro - Março	40	32	—	—
Alho	15 quilos	Abril - Março	—	—	35	30
Arroz (c/casca)	saco de 60 quilos	Dezembro - Janeiro	210	82	7	—
Batata doce	tonelada	Janeiro - Abril	6	—	—	—
Cana de açúcar	tonelada	Março - Julho	35 ☆ 932 *	—	50	—
Cana (forragem) ...	tonelada	Fevereiro - Março	4	—	45	—
Cebola	15 quilos	Abril - Maio	—	—	—	—
Feijão	saco de 60 quilos	Janeiro - Março	105	260	9	6
Fumo (em folha) ..	15 quilos	Fevereiro - Abril	90	—	50	—
Mamona	quilos	Janeiro - Março	6	—	900	—
Mandioca mansa (aipim ou macacheira)	tonelada	Dezembro - Março	0,8 ☆ 15 *	—	— 20	— —
Mandioca brava	tonelada	Dezembro - Março	52 145	—	—	—
Milho	saco de 60 quilos	Janeiro - Março	80	110	18	15

* — São culturas já existentes na ocasião da estimativa e que darão colheita no ano.

☆ — Plantações novas que não darão colheita no ano; sempre na primeira linha.

(28a.) — Organizada com dados obtidos na Agência Municipal de Estatística — Crato.

TABELA III
MUNICÍPIO DO CRATO — CULTURAS PERMANENTES (1952) (28b.)

PRINCIPAIS ESPÉCIES CULTIVADAS	UNIDADE DE REFERÊNCIA	Número de pés ou touceiras		ESPAÇAMENTO ENTRE OS PÉS OU TOUCEIRAS (METROS)	RENDIMENTO ESPERADO
		Novas	Frutifi- cando		
Abacate	cento	260	2.170	8	300 frutos por pé
Agave	quilos	13.500	144.000	2,20	2.200 quilos por 1.000 pés
Algodão arbóreo (em ca- roço)	15 quilos	126.000	666.000	2,20	14 arrobas por 1.000 pés
Banana	cacho	9.800	59.100	3	3 cachos por touceira
Tangerina	cento	140	1.050	4	300 frutos por pé
Café (beneficiado)	15 quilos	4.750	31.500	4	30 arrobas por 1.000 pés
Côco da Bahia	cento	750	1.400	10	35 frutos por pé
Laranja	cento	1.200	6.950	7	250 frutos por pé
Manga	cento	—	—	—	

(28b.) — Organizada com dados obtidos na Agência Municipal de Estatística — Crato.

A criação de gado. — A criação, na região do Cariri, está muito longe de adquirir a mesma importância da agricultura. A região é relativamente pobre em gado; no Crato, por exemplo, uma propriedade com 300 cabeças constitui verdadeira exceção. Entretanto, é necessário frisar, que, muitas vezes, proprietários do Cariri possuem fazendas de criação fóra da região. Conforme J. Alves, "em Crato, Barbalha, Jardim, Brejo Santo e Juazeiro os criadores cearenses possuem terras em Pernambuco; em Mauriti e Milagres, em terras paraibanas" (28). São muitos os sitiantes do Cariri que possuem fazendas de criação na chapada. Já tivemos ocasião de mencionar e existência de proprietários de terras na chapada e no vale.

Alguns, maioria, criam gado para fins comerciais; outros apenas mantêm os animais que são utilizados para o consumo ou, então, para as atividades agrícolas, como é usual principalmente em engenhos de rapadura e aguardente. Na maioria dos casos a criação é empírica, rotineira, sem trato revelador de aprimoramento e melhor aproveitamento da atividade. Domina o gado sertanejo, o "pé duro", havendo, entretanto, grande quantidade dêsse gado mestiçado com o Zebú.

Um dos fatos de maior interêsse, no referente à criação, está na verdadeira *transumância* processada com o aproveitamento da chapada. Terras da chapada, pertencentes a municípios do Cariri, constituem palco de atividades de criadores de outras áreas. Nos municípios situados ao sul, em Pernambuco — Exú, por exemplo, existem muitos criadores de gado que mantêm "barreiros" (29) no Araripe, dentro de municípios caririenses. É uma verdadeira transumância que se processa no fim do "inverno", quando o gado sobe a serra para atingir esses "barreiros". Durante a sêca, portanto, o gado encontra ali alimento suficiente. No início do "inverno" volta para a baixada. Diz-se na região que quem não possui um "barreiro" não pode criar gado.

No Cariri, acontece praticamente o mesmo. No início do período de estiagem, normalmente no mês de maio, os criadores removem o gado para o Araripe. Quando se inicia o "inverno", o gado retorna para as pastagens do Cariri. Não são raros os casos em que o gado sóbe ou desce, conforme o período do ano, por si próprio. É o gado ao qual dá-se o nome de "serreiro" (30). Quando tem início o "inverno", os criadores muitas vezes são obrigados a remover o gado para o sopé, quer seja ao sul, em Pernambuco, quer ao norte, no Cariri. Seriam prejudicados se o gado permanecesse na cha-

(28) ALVES, Joaquim — Obra citada.

(29) Os "barreiros" são depressões, frequentemente cavadas na superfície impermeabilizada à força de malho, que permanecem cheias até as bordas com as chuvas dos "invernos". Em certos casos, o próprio pisoteio do gado contribui para endurecer e impermeabilizar o solo. Os "barreiros", verdadeiros reservatórios de água, possibilitam a multiplicação dos currais.

(30) PINHEIRO, Irineu — Obra citada.

pada. É que, nêsse período, na chapada torna-se comum o “toque”, doença que parece ser produzida pela ingestão de grande quantidade de sílica pelo gado (31).

As fontes e a irrigação. — Sabe-se que o fato que mais contribuiu para chamar a atenção dos primeiros povoadores do Cariri foi a exuberância em águas, desde que comparado com os sertões semiáridos que o circundam. Um feliz conjunto de circunstâncias, conforme é amplamente conhecido, de natureza climática e de natureza geológica, permitiu que, na escarpa setentrional do Araripe, se originassem numerosas fontes, o segredo de toda a região do Cariri. A chapada do Araripe, condensadora de umidade, justifica a pluviosidade mais elevada em comparação com as áreas circunvizinhas. As camadas areníticas, bastante porosas, permitem franca infiltração das águas, que por pouco tempo escoam pela superfície. De acôrdo com Small (32), a inclinação das camadas permitiu concentração d'água em um lençol numa linha norte-sul, através do Crato e Jardim. Em consequência, nos flancos da chapada, que são cotados por essa linha, ha abundância de água, que brota de uma altitude de 725 metros sôbre o nível do mar e cêrca de 50 a 75 metros da parte superior do calcáreo (33). O mesmo autor, ainda, julga que nêsses lugares o nível parece mais determinado pela camada dura de arenito do que pela do calcáreo, parecendo ser o resultado da estrutura sinclinal (34). O importante é que, no Cariri, as fontes totalizam 156, assim distribuidas por municípios (35): Crato 75; Barbalha — 25; Jardim — 23; Missão Velha — 21; Brejo Santo — 12.

Os sítios dos “brejos”, com suas terras relativamente planas, são lavados naturalmente pelas águas oriundas das citadas fontes. Os que se situam nos “pés-de-serra” necessitam ser irrigados. A fonte é sempre aproveitada por um grupo de sitiantes. “Na levada vinda diretamente das fontes sopedâneas do Araripe fazem os agricultores, aquí e ali, cada qual em seu sítio, umas pequenas aberturas chamadas sangradouros ou ladrões, pelos quais se escôa determinada quantidade de água distribuida a enxada, em inúmeros regozinhos, pelas terras que se deseja irrigar” (36). Normalmente, há uma distribuição das águas para áreas diferentes, conforme o dia da semana. Alternam-se os dias em que a água é dirigida para os “pés-de-serra” com aqueles em que se permite que irriguem os “brejos”. Evidentemente, o sistema de canaletas cavadas a enxada, em certos casos simples sulcos, não é dos melhores, tendo em vista que, além da evapo-

- (31) PINHEIRO, Irineu — Obra citada.
- (32) SMALL, Horácio L. — Obra citada.
- (33) SMALL, Horácio L. — Obra citada.
- (34) SMALL, Horácio L. — Obra citada.
- (35) ALVES, Joaquim — Obra citada.
- (36) PINHEIRO, Irineu — Obra citada.

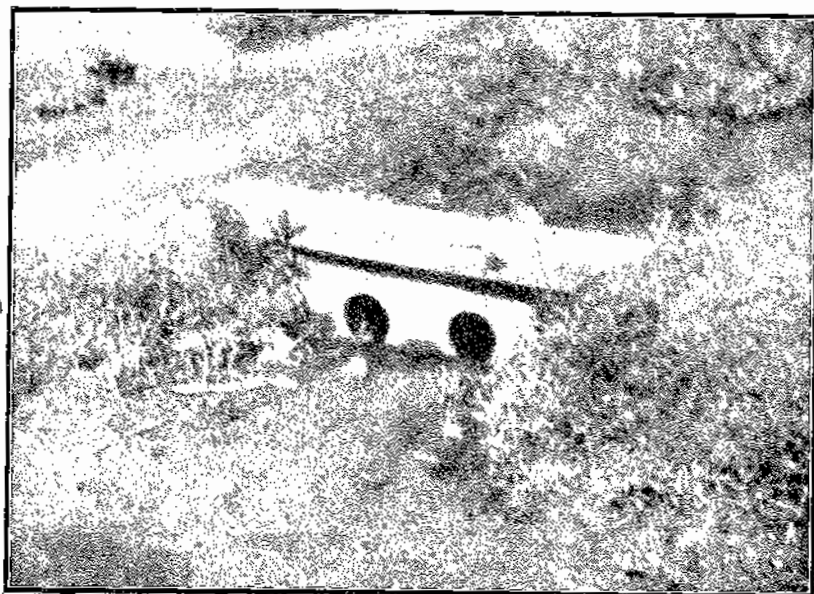


Foto 6 — A fotografia focaliza o sistema, bastante simples, com que é efetuada a distribuição da água para a irrigação. Uma tábua transversal ao filete de água, com uma ou mais aberturas circulares, as "bombas". Estas têm 18,5 cm. de diâmetro. (Foto P. Petroné)

ração, a infiltração no solo contribui para o desperdício de grande parte da água. Naturalmente referimo-nos apenas aos trechos em que a água ainda não tem real serventia. Acresce que as canaletas levam a água a sítios distanciados, muitas vezes, 10 Km e mais. O sistema de divisão da água é relativamente simples, por intermédio das "bombas" ou "telhas", conforme pôde ser observado pela fotografia, mas as relações entre os beneficiados são extremamente confusas. Elas merecem um estudo que, infelizmente, não cabe nestas referências.

Apesar da presença das águas correntes superficiais, algumas zonas devem se socorrer com a perfuração de poços e, em certos casos, com a construção de açudes. No "brejo", terras baixas e úmidas, o nível hidrostático é relativamente razo e, em todos os poços que tivemos oportunidade de verificar, a água é encontrada entre 3 e 4 metros. O lençol freático parece ser rico e êsses poços fornecem água durante todo o ano. É preciso lembrar que, às vezes, a alguns quilômetros do sopé da chapada, brotam olhos d'água. Nos "pés-de-serra", a água é encontrada em maior profundidade. Em um sítio, encontramos poço com água excelente, a 12 metros de profundidade. Interessante que o proprietário do referido sítio não se limitou a cobrir

o poço com um telheiro, mas perfurou-o dentro de uma das dependências da própria casa, precavendo-se contra a forte evaporação.

CONCLUSÃO

Área muito bem caracterizada, bastante diferenciada em relação às zonas interioranas do Nordeste, o Carirí é bem um exemplo dos "oasis" que, em regiões semi-áridas, surgem em consequência da umidade decorrente da presença de elevações. Com o Araripe, se nos apresenta com contrastes que chegam a ser chocantes. Propriedades tecnicamente bem aparelhadas de um lado, grupos que ainda praticam (não como atividade ordinária, é verdade) verdadeira coleta de outro lado. Em alguns centros urbanos, uma população de padrão de vida relativamente alto para as zonas interioranas, que, cultural e socialmente, contrasta com a miserabilidade de boa parte da população rural e mesmo dos arredores dos centros urbanos. Uma das áreas normalmente procuradas pelos que fogem do flagélo das sêcas, o Carirí, com população heterogênea, é uma das poucas zonas interioranas de onde não se processa o êxodo, para o sul ou para a Amazônia. Todavia, quer por onibus, quer por "páus de arara" ou pelo São Francisco, muitos elementos que primeiramente haviam buscado o Carirí, dirigem-se para São Paulo principalmente. "Oasis" embora, o Carirí não deixa de apresentar certos problemas, uns de solução imprescindível não só para a região, como para as áreas próximas. Entre eles sobressai o das estradas, que nem sempre são boas, como a que atravessa a serra de São Pedro, e, apesar do quanto já foi feito, não satisfazem às necessidades regionais. No setor econômico faz-se necessário o fomento à agricultura, racionalizando-a. As técnicas de aproveitamento da água são tradicionais e empíricas; desde que aprimoradas permitiriam resultados bem melhores. Por outro lado, essas mesmas técnicas, aliadas à sistemáticas derrubadas e queimadas, na escarpa e sopé da serra, têm contribuído para o secamento de fontes, diminuição do volume d'água dos rios, para tornar cursos perenes em temporários, assim como para que diminua, gradativa porém inexoravelmente, a área possível de irrigar. Consulte-se qualquer viajante ou cronista e ver-se-á como a paisagem tem-se modificado. Os aspectos relacionados ao crédito, o incentivo ao cooperativismo, o amparo aos "moradores", cujas condições de vida refletem-se nas habitações, são outras medidas que mereceriam ser estudadas. Está claro que qualquer tentativa esbarraria na existência de uma sociedade firmemente assentada na região, em direitos, e particularmente em rotinas e preconceitos que só lentamente poderiam ser ultrapassados. De qualquer forma, cremos que a região do Carirí, como outras zonas de características semelhantes, deveria ser objeto de maior atenção, não só do Governo do Estado, mas também do Governo Federal.